

EU TENHO MEDO A MARINHA E A CONJUNTURA ORÇAMENTÁRIA

Transcrito da crônica publicada na Revista do Clube Naval do 3º trim./2002, p. 53.

CELSO DE MELLO FRANCO
Capitão-de-Fragata (Ref^o)

O Coronel Paul Tibetts, que lançou a primeira bomba atômica, de bordo de seu bombardeiro B-29, que ele batizara de *Enola Gay*, em homenagem ao nome de sua mãe, ao lhe escrever, na noite que antecedeu ao dia do lançamento, incluía, no início de sua carta, a seguinte frase: “Minha mãe, tenho medo”. Evidentemente, um coronel que já participara com sucesso de tantas missões, excelente piloto, não teria medo da missão de voar sobre o território inimigo, mas medo do que seriam os efeitos ou conseqüências da bomba que iria lançar, sobre o futuro do mundo, onde ele pretendia continuar vivendo.

Com o momento que vejo o Brasil vivendo eu também gostaria de poder escrever à minha mãe, se viva fosse, para lhe dizer dos meus temores, de meu medo até. Minha mãe que me habituou mal, pois que viveu até 90 anos e meio, absolutamente

lúcida. Quando a perdi, escrevi no meu caderno, onde escrevo desde os meus tempos de aluno da Escola Naval, alguns pensamentos ou frases que julgo úteis ou notáveis de grandes pensadores e alguns poucos meus mesmo: “Perdi a árvore sob cuja sombra me abrigava principalmente do sucesso ou de ter poder.” Estes são fatores que nos fazem “miópes” em ver as necessidades e desesperos dos mais necessitados ou dos mais humildes. Julgamo-nos inatingíveis e, às vezes, até imortais. Em outras palavras, inatingíveis por aquelas necessidades e desesperos que, do alto de nossa ilusão, não enxergamos. Quantas e quantas vezes, no decorrer de minha vida no serviço ativo ou, principalmente, na vida civil, no exercício de importantes cargos públicos, vinha aquela voz amiga com a observação que nos fazia voltar a ter “os pés no chão”.

Pois foi logo depois de perdê-la, que eu já órfão de pai, descobri haver encontrado no conforto do convívio com as coisas e os colegas da Marinha o preenchimento do imenso vazio que me deixara a sua perda. Foi, por assim dizer, como se a Marinha viesse ocupar aquele vazio insubstituível. Esta confirmação me veio de forma indireta, quando num desses "Dia das Mães", já órfão, embora há pouco tempo, almoçava no restaurante do Iate Clube. O conjunto musical Os Violinos do Rio, que alegrava o almoço em dia especial, veio até a minha mesa e, carinhosamente, para me homenagear, uma vez que me conheciam, tocaram o *Cisne Branco*. Na oportunidade lhes disse, ao agradecer: "Obrigado pela homenagem à 'minha segunda mãe', quando já não tenho a primeira."

Pois é a esta segunda mãe que eu agora escrevo este desabafo a ser publicado na revista do Clube dos Oficiais de Marinha e, conseqüentemente, lido por eles.

A esta Marinha hoje dirigida por um almirantado constituído na sua esmagadora maioria de seus almirantes-de-esquadra, meus queridos ex-aspirantes ou ex-guardas-marinha, aos quais tive a honra e o privilégio de orientar em "seus primeiros passos", "com paciência e desvelo", como escreveu na dedicatória do livro que me deu o meu ex-aspirante Paulo Garcia Dumont, então almirante-de-esquadra e Comandante de Operações Navais, e que me coloca mais à vontade para escrever, à "mãe" Marinha, que tenho medo. Medo do que vejo acontecer na nossa Pátria na área social e, principalmente, no que isto está atingindo as suas Forças Armadas, em especial a nossa Marinha.

O que me amedronta é o fato de as Forças Armadas chegarem a ponto de ter de economizar na alimentação de seus componentes, atingindo mais diretamente aqueles mais humildes e, por conseguinte, mais

necessitados, a fim de fazer face às restrições orçamentárias.

Não é o fato de os navios não se poderem movimentar, nossas guarnições não se adestrarem ou nossos aviões e helicópteros não voarem. Apesar da enorme frustração e desânimo que tal fato nos possa trazer, o patriotismo nos dá uma certa dose de resignação, embora, espero, não seja muito duradouro. O espírito de sacrifício opera milagres, mas será preciso que nos dêem exemplo de que o sacrifício é geral, é para todos, não apenas para nós, militares.

Não esqueci, apesar de já estar na reserva há mais de 30 anos, o quão dependentes da alimentação em nossas unidades de terra e navios é o nosso pessoal subalterno.

Lembro-me, por exemplo, quando embarcado no Cruzador *Barroso*, das festas nos portos do Nordeste, em que "fechávamos os olhos" para o que levavam de restos dos bufês as famílias de nossa guarnição. Naquele tempo havia festas e havia fartura.

Ainda no velho *Barroso*, "nos regimes de sexta-feira", a faina marinheira de "lona e areia" era animada pela banda de música do Comando da Esquadra e, à hora do rancho do almoço, era servido churrasco a toda a guarnição, regado a chope e sem que houvesse nenhuma indisciplina por qualquer excesso. Fatos como estes, aqui lembrados com justo saudosismo, construíam um espírito de navio inquebrantável.

Hoje se licencia mais cedo, se dá "regime de domingo" para economia de rancho. Onde irão comer os licenciados, no caso muito especial nossos, os marinheiros e fuzileiros, em sua maioria oriundos do longínquo Nordeste e que enviam parte do soldo para seus lares distantes?

Lembro-me de que escrevi emocionada crônica em que narrava o fato de haver re-

encontrado um marinheiro, que se havia candidatado a aprendiz na minha Capitania, lá na Paraíba. Ao estranhar o seu porte atlético para quem fora "repescado" por insuficiência de peso, em exame de saúde, me respondeu: "Eu tinha fome, comandante. Agora a Marinha me alimenta bem."

É comum o dito do marinheiro, justificando o seu gosto pela profissão, apesar das vicissitudes a ela inerentes: "Lá fora não toca rancho." Pois já temos ocasiões em que, no convívio da "Mamãe Marinha", só toca rancho para o pessoal de serviço e, assim mesmo, para aqueles que são indispensáveis.

Outro dia, numa sexta-feira, ao me dirigir à Pagadoria de Inativos e Pensionistas da Marinha (PIPM), tive a surpresa desagradável de ver os estacionamentos para veículos fronteiriços ao antigo prédio do Ministério completamente vazios. Os portões de acesso de pedestres, que era o meu caso, estavam fechados e com uma corrente pesada.

A impressão que me deu, em face do contraste com as atividades comerciais e do tráfego que circunda o local, era de que tinha havido uma guerra e o Brasil havia sido derrotado e ocupado. O inimigo vitorioso tinha desativado a Marinha e colocara sentinelas para garantir a sua nova ordem.

Felizmente, despertei deste pesadelo terrível ao constatar que os sentinelas eram os nossos fiéis soldados fuzileiros navais na sua secular missão de guardar o que é nosso, e que, apesar de ser dia de faxina, "regime de sexta-feira", era de fato e de direito regime de domingo, determinado, a contragosto por certo, pela penúria do nosso minguido orçamento.

Ouçõ nos encontros fortuitos com ex-subalternos do meu tempo do serviço ativo o quanto sofrem e como lhes incomoda este estado de coisas.

O que me apavora, o que me dá medo, é a quebra da disciplina e da hierarquia, muito mais do que o receio de implantação de

idéias politicamente esdrúxulas, na medida em que o subalterno lhe vê faltar o amparo que espera e até hoje tem recebido em todos as suas necessidades.

Hoje me preocupa o fato da desmotivação e do descontentamento que esta penúria possa provocar, não nos chefes, que ou bem ou mal vão vivendo e procurando cumprir as suas obrigações para com as missões a eles delegadas, mas nos seus subordinados.

Já se tem notícia de que ex-militares, dispensados do serviço ativo por absoluta falta de recursos para lhes permitir o reengajamento, se empregam a serviço de traficantes pela absoluta necessidade de gerar o seu sustento, fazendo aquilo que tão bem faziam quando a serviço da Pátria, em suas Forças Armadas.

Não nos esqueçamos de que "o cão, o melhor amigo do homem, quando com fome é capaz de morder o dono".

Vejam bem, não estou preocupado com ideologias, estou preocupado com o sentimento de respeito para com os superiores, de quem sempre esperam justiça e amparo social, quando começarem a sentir que a sua situação insuportável não terá solução dentro de um prazo tolerável.

Tenho medo do aparecimento de alguma falsa liderança capaz de tentar a mudança deste estado de coisas, não de cima para baixo, mas de baixo para cima. Será a ruptura social, por indisciplina, que foi tentada em 1964, e que finalmente atingirão, por um caminho ignóbil e perverso, pois que a ela chegarão explorando o mais sincero e nobre sentimento humano, que é o amor à Pátria, ao próximo e à família.

É por tudo isso que tenho medo. A impossibilidade do reengajamento por falta de verbas, os licenciamentos mais cedo, os "regimes de domingo", a desmotivação pela falta de meios para "na paz se preparar

para a guerra”, tudo isso os levando a atingir este propósito de maneira maquiavélica.

Tentando atingir-nos, dentro da pureza de sentimentos e de propósitos que nos caracteriza como classe, naquilo que nos é mais sagrado: o sentimento do dever para com a Pátria e a família.

Para terminar, quando me dirijo à minha “segunda mãe”, Marinha, representada pelos seus atuais dirigentes, em sua maioria esmagadora meus ex-aspirantes ou ex-guardas-marinha, repito: por acreditar neles, por me orgulhar da Marinha altamente profissional, disciplinada e eficiente que conseguem conservar e criar, esclareço que tenho medo, não por mim, que já estou no outono-inverno da vida, mas por nossos

filhos e netos, que poderão enfrentar este quadro pessimista, mas, infelizmente, não impossível.

Da mesma maneira como há cerca de 40 anos acreditei em seus propósitos quando moços, reitero agora, quando já na meia-idade têm em suas mãos honradas e altamente competentes os destinos de nossa Marinha, o meu temor por uma situação intolerável e que exige uma solução a curto prazo, mesmo com o sacrifício operacional de algumas unidades. O maior patrimônio que sempre tivemos foi a nossa gente disciplinada e coesa, unida em torno de seus chefes. Foi assim no passado, é assim no presente e, espero em Deus, será assim no futuro.

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<ADMINISTRAÇÃO> / Orçamento /; Crise orçamentária;

Não adianta mentir para se proteger, mentira é insegurança, que por sua vez é causada pelo medo.